

Artigo / Article

# A recategorização e os efeitos de humor na piada de surdo em Libras: uma análise da construção de sentidos do referente "surdo" no texto sinalizado

*Recategorization and humor effects in deaf joke in Libras: an analysis of the construction of meanings of the "deaf" referent in signed texts*

**Amanda Beatriz de Araújo Sousa** 

Universidade Federal do Piauí, Brasil

[amanda.sousa@ifma.edu.br](mailto:amanda.sousa@ifma.edu.br)

<http://orcid.org/0000-0002-8698-6880>

**José Ribamar Lopes Batista Júnior** 

Universidade Federal do Piauí, Brasil

[ribas@labproducaotextual.com](mailto:ribas@labproducaotextual.com)

<http://orcid.org/0000-0002-4777-3305>

Recebido em: 06/02/2024 | Aprovado em: 30/05/2024

## Resumo

A partir de uma perspectiva cognitivo-discursiva da recategorização, este artigo tem o objetivo de investigar os casos de recategorização e seus efeitos na construção de sentidos do referente "surdo", motivando o humor nas piadas de surdo sinalizadas em Libras. A pesquisa é de cunho qualitativo, com análise descritiva dos dados. A metodologia foi realizada em duas etapas: a primeira consistiu na seleção do *corpus* composto por 1 (um) vídeo de piada sinalizada; a segunda, na análise do *corpus* a partir dos critérios estabelecidos na metodologia. Os resultados evidenciam que a recategorização colabora para construção de sentidos do referente surdo nos textos sinalizados em Libras e contribui para engatilhar o texto humorístico surdo.

**Palavras-chave:** Recategorização • Piada • Humor • Texto sinalizado • Libras

## Abstract

From a cognitive-discursive perspective of recategorization, this article aims to investigate instances of recategorization and their effects on the construction of meanings associated with the referent "deaf," which triggers humor in deaf jokes signed in Brazilian Sign Language (Libras). The research is qualitative, with a descriptive analysis of the data. The methodology was carried out in two stages:

the first involved selecting the corpus, which consisted of one video of a signed joke; the second involved analyzing the corpus based on the criteria established in the methodology. The results show that recategorization contributes to the construction of meanings associated with the deaf referent in texts signed in Libras and helps trigger the humor in deaf humor texts.

**Keywords:** Recategorization • Joke • Humor • Signed text • Libras

## Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui-se como uma língua natural, sendo possível a realização de estudos linguísticos que contemplem aspectos como a morfologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática, entre outros. No Brasil, a Libras é a primeira língua dos falantes surdos brasileiros, sendo reconhecida como a língua da comunidade surda brasileira, conforme a Lei 10.436 de 2002, e permitindo, assim, que se avance em sua descrição linguística.

Entre os diversos fenômenos linguísticos que se realizam na Língua Brasileira de Sinais, a referenciação foi a eleita nesta investigação, considerando o potencial exploratório desta perspectiva, visto que se configura como uma atividade textual-interativa e peculiar da atividade comunicativa. Porém, ainda há muito a ser investigado, a saber: a) a relação entre o modo como ocorre a construção de sentidos do texto sinalizado em Libras e possíveis relações do processo de recategorização para os propósitos comunicativos do texto do surdo; b) como a recategorização pode ser uma estratégia discursiva que contribui para gerar o humor surdo nas piadas sinalizadas em Libras.

Acreditamos que o estudo do humor em Libras nos ajuda a perceber a importância dos aspectos culturais presentes na Língua de Sinais, uma vez que o humor surdo também é traço marcante das línguas sinalizadas, mostrando diversos aspectos culturais através do uso da língua. Para o Povo Surdo, os artefatos culturais visuais se manifestam de diferentes modos na contação de histórias e nas piadas sinalizadas em Libras. Em relação ao humor surdo, Ladd (2013, p. 162) diz que “muito do humor Surdo está nos gestos” presentes nas Línguas de Sinais. Nesse cenário, o humor surdo em questão é um atributo forte da cultura dos Surdos. Assim, concordamos que “a razão pela qual o humor é culturalmente específico para um grupo é mais do que apenas a linguagem, é uma questão de experiência” segundo Rutherford (1983, p. 313).

Conforme Strobel (2016), o Povo Surdo interage compartilhando os costumes, histórias de vida e tradições através de artefatos culturais visuais que não devem ser ignorados, e sim reconhecidos no âmbito dos estudos sobre a língua. É justamente nesse requisito que consideramos o humor surdo presente na piada em Libras como parte do artefato cultural do Povo Surdo, sendo, portanto, um elemento característico dessa língua e utilizado na interação entre os surdos no ato comunicativo.

Abordamos a referenciação a partir de uma abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística Textual, que toma tal processo como uma atividade discursiva, e se direciona no

## LINHA D'ÁGUA

sentido de “pensar o texto como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como um evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais” (Koch, 2002, p. 9).

Nesses termos, o fenômeno da referenciação deve ser compreendido como um processo contínuo e socialmente construído, isto é, os participantes da ação comunicativa estão o tempo todo influenciando direta ou indiretamente a construção de referentes dentro do texto/discurso. É nesse contexto que assumimos a questão norteadora da problemática desta investigação: de que modo a recategorização pode contribuir para construção de sentidos do referente “surdo” no texto sinalizado (piadas em Libras), contribuindo para os efeitos na construção do texto humorístico surdo?

É importante destacar que a maioria das pesquisas cujo foco recai sobre a referenciação e os processos referenciais utilizados na construção de sentidos do texto, na Linguística Textual praticada no Brasil, destina-se a compreender os fatores textuais/discursivos nos textos orais e escritos em Língua Portuguesa, faltando, portanto, uma maior descrição do fenômeno linguístico-cognitivo da recategorização como elemento discursivo de retomada e/ou (re)construção nos textos sinalizados na Língua Brasileira de Sinais.

É partindo, portanto, dessa inquietude acerca do estudo da recategorização aplicada ao texto sinalizado em Libras, que surge a problemática desse estudo de compreender como ocorre a retomada discursiva do referente “surdo” no gênero textual piada, com foco nas piadas sinalizadas em Libras por narradores surdos.

Nesse anseio de investigação, apresentamos, em primeiro lugar, uma discussão acerca dos aspectos textuais/discursivos da referenciação, incorporando os estudos teóricos já realizados em Libras; num segundo momento, apresentamos a descrição da metodologia; então, seguimos para as análises; por fim, apresentamos breves considerações sobre a investigação.

## **1 Os estudos da recategorização e a construção de objetos do discurso**

Para a perspectiva clássica de referência, a função do sistema linguístico estava configurada em estabelecer relação direta entre as palavras e as diversas categorias espalhadas no mundo real. Dessa forma, a referência foi posta como um problema de representação do mundo, por postularem que “a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas” (Mondada; Dubois, 2003, p. 17). Entretanto, há uma outra posição quanto à referência que assume que esta é “resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores” (Mondada; Dubois, 2003, p. 11).

Contudo, essa visão clássica e conceitual da referência foi ganhando novos enfoques e ampliando as discussões acerca da representação da língua. A ideia central neste ponto é a de que a referência não se dá apenas na relação linguagem–mundo. Assim, para as autoras

Mondada e Dubois (2003), admitindo-se uma abordagem de cunho cognitivo-discursiva da referenciação, o estudo desse processo amplia-se, possibilitando a compreensão da instabilidade das categorias construídas no discurso, ao compreenderem que há uma “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, nas ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (Mondada; Dubois, 2003, p. 18). Dessa forma, as autoras ampliam o conceito de referência, rompendo, assim, com a visão clássica do referente como forma exclusiva de espelhamento do mundo.

É nessa última linha de pensamento que está situada a perspectiva da referenciação, termo utilizado por Mondada e Dubois (2003) para designar essa moderna concepção dos estudos da referenciação adotada pela Linguística Textual contemporânea. De acordo com a perspectiva da referenciação, defendida pelas referidas autoras, fazemos referência aos objetos do discurso à medida que desejamos realizar nossas pretensões dentro de práticas discursivas; por isso, nós, como usuários da língua, influenciemos a forma como referenciamos os objetos.

No Brasil, alguns pesquisadores, contrapondo-se ao pensamento clássico de referência como representação realista dos objetos do mundo e partindo do viés segundo o qual as representações do mundo para os estudos da referenciação são categorias definidas nas atividades interativas, como Marcuschi (1998), Salomão (1999), Morato (1996), Cançado (1995) e Koch (2000, 2001, 2002), também defendem que os referentes são construídos e reconstruídos de forma conjunta, negociada, na interação entre enunciadores e coenunciadores em atividades sociodiscursivas.

De acordo com a perspectiva da referenciação, os referentes passam a ser tratados por objetos do discurso. Isso significa que a referenciação é “concebida como uma construção colaborativa de objetos do discurso, quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas” (Mondada; Dubois, 2003, p. 60). Para Koch (2011, p. 80), os objetos do discurso “são dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados e recategorizados”. Partindo deste viés, os objetos do discurso são construídos e (re)construídos no interior de práticas enunciativas, de modo que acabam sofrendo alterações conforme as exigências do entorno comunicativo.

O termo “objeto de discurso” é discutido desde a década de 1960 por diferentes estudiosos do campo da linguística, a exemplo de Pêcheux e Foucault na Análise de Discurso e Benveniste na Teoria da Enunciação, assim como por Bakhtin, através de uma relação dialógica entre os sujeitos do discurso a partir de uma atividade discursiva. Porém, neste estudo, apesar de compreendermos os objetos de discurso conforme o postulado de Mondada e Dubois (2003), assumimos a posição de Lima (2009), que preceitua que nem sempre os referentes são homologados por uma expressão referencial. Isso ocorre porque existem referentes expressos explicitamente na materialidade do texto, mas também referentes que não necessariamente são homologados textualmente, “estando a sua (re)construção sujeita à recorrência a mecanismos inferenciais mais complexos, ancorados no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, mas sempre guiados pelo sinal linguístico” (Lima; Feltes, 2013, p. 31).

Consideramos, portanto, que a referenciação é um processo dinâmico, resultante da negociação entre os interlocutores do discurso. É importante ressaltar que dentro da negociação feita pelos interlocutores, os referentes assumem formas diversificadas conforme os propósitos comunicativos do falante. Dessa forma, por se tratar de um processo dinâmico, ocorre a (re)construção, reativação e modificação dos referentes que são apresentados no decorrer do texto/discurso, chegando assim ao fenômeno referencial da recategorização, processo este que escolhemos investigar nesta proposta de pesquisa.

O conceito de recategorização é delineado a partir do estudo pioneiro de Apothéloz e Reicheler-Béguelin (1995), que abordam o fenômeno apenas pelo viés textual-discursivo. Por isso, elegemos, nesta proposta de investigação, a concepção de recategorização proposta por Lima (2009), na qual esse processo é compreendido numa dimensão cognitivo-discursiva, avançando assim, para as estruturas do plano da cognição, postulando que:

[...] o processo de recategorização não necessariamente se homologa por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual [...] (Lima, 2009, p. 40).

Dessa forma, a abordagem do fenômeno evolui de uma proposta de cunho estritamente textual-discursivo para uma perspectiva cognitivo-discursiva, o que promove um redimensionamento do processo de recategorização que também seguiremos nesta investigação. Segundo Lima (2009), ao assumir uma nova perspectiva de estudo para a recategorização, é necessário refletir sobre a construção dos objetos do discurso, pois, conforme a autora, o referente ou objeto de discurso pode ser construído discursivamente, ancorado nas estruturas cognitivas evocadas pelas pistas linguísticas, sem necessariamente apresentar-se lexicalizado, para que ocorra o processo da recategorização.

Vale ressaltar que muito embora o gênero textual/discursivo não tenha importância para o processamento textual, acreditamos que o gênero piada, eleito nesta investigação, permite compreender melhor esse fenômeno. Acerca disso, o exemplo da piada citado por Lima e Feltes (2013) permite-nos compreender a (re)construção do referente a partir de uma abordagem de cunho cognitivo-discursivo da recategorização:

(3) Vovó, porque você não se candidata à presidência? Já [sic!] tem um vampiro, só está faltando à múmia!! (Lima; Feltes, 2013, p. 35).

Conforme as autoras, nesse exemplo, encontramos duas ocorrências de recategorização, a de “José Serra” como “vampiro” e a de “vovó” como “múmia”. Nota-se que o referente “José Serra”, apesar de não estar lexicalizado no texto, pode ser recuperado pela ancoragem no modelo cognitivo de eleições presidenciais do Brasil. Muito embora a dimensão cognitiva esteja presente na construção de sentidos da piada, não podemos negar que os aspectos sociais, históricos e ideológicos são fundamentais para construção de sentidos do texto; no entanto, neste estudo iremos destacar a perspectiva cognitivo-discursiva do processo da recategorização.

Nesse caso, a construção do processo de recategorização extrapola a materialidade textual, sendo necessária a recorrência às estruturas cognitivas subjacentes a esse processo. Entendemos, conforme Lima (2009), que os limites da recategorização extrapulam a materialidade textual, pois este processo não está condicionado pela retomada de um referente lexicalizado no contexto.

É a partir dessa proposta de Lima (2009) que há um avanço no modo de investigar o fenômeno da recategorização. É nesse contexto que assumimos a perspectiva cognitivo-discursiva da recategorização, defendida por Lima (2009), abordando especificamente as ocorrências de recategorizações.

Compreendemos, portanto, que a concepção de recategorização a partir de uma perspectiva cognitivo-discursiva nos permite ampliar o entendimento do fenômeno, bem como alcançar cientificamente a riqueza dessa atividade, por se tratar de um processo discursivo significativo que se revela de extrema complexidade.

Desse modo, o vetor epistemológico da relação entre texto e cognição será o fio condutor do presente estudo. Por acreditarmos que o texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas que estão inter-relacionadas no discurso, confirma-se que “recategorização não se caracteriza por um grau de explicitude absoluto” (Lima; Feltes, 2013, p. 34). Dessa forma, essa relação cognitivo-discursivo somente é possível porque ativamos pistas inferenciais que ultrapassam a materialidade do (co)texto.

## 2 Os estudos da referenciação na Língua Brasileira de Sinais

Já na Língua Brasileira de Sinais, ainda encontramos poucas pesquisas destinadas aos estudos referenciais durante a construção de sentidos do texto. Entre os estudos já realizados acerca da temática da referenciação na Libras, encontramos as pesquisas realizadas por Silva (2001), Quadros e Karnopp (2004), Leal (2011), Barbosa (2013), entre outros. Porém, existem poucos trabalhos acerca do processo referencial da recategorização no texto sinalizado por surdos.

Assim como na Língua Portuguesa, nas Línguas de Sinais também ocorre o processo de referenciação. A diferença está relacionada inicialmente à modalidade de realização das línguas, pois conforme Liddell (2003) os discursos nas línguas de sinais são construídos espacialmente e a referenciação está relacionada à organização do espaço que o sinalizado utiliza.

Assim, encontramos os elementos discursivos do uso dos classificadores e da flexão verbal; e o procedimento discursivo dêitico e predominância do discurso (Leal, 2011). Temos, portanto, a flexão verbal e o uso de classificadores, elementos discursivos que contribuem na construção dos objetos do discurso. Conforme Barbosa (2013), o dêitico é o elemento discursivo de referência mais comum e utilizado por surdos na Língua Brasileira de Sinais.



A proposta teórica que mais se aproxima da nossa investigação é a pesquisa feita por Barbosa (2013), que investigou como o sinalizador surdo introduz e retoma o personagem ao longo de uma narrativa em Libras, e como ocorre a referenciação nas narrativas sinalizadas. Muito embora a autora não tenha focalizado seus estudos no fenômeno linguístico da recategorização, acreditamos que as contribuições de Barbosa (2013) ampliam os estudos da referenciação na Libras, trazendo a grande contribuição de que “a articulação entre a língua, gesto e a configuração do espaço de sinalização é a chave para compreensão da gramática e organização discursiva de uma língua como a Libras” (Barbosa, 2013, p. 140).

Nesse contexto linguístico, partimos do objetivo de investigar a relação do fenômeno linguístico da recategorização e seus possíveis efeitos na construção de sentidos do referente “surdo” que engatilha o humor nas piadas de surdo sinalizadas em Libras.

## **2.1 O gênero humorístico piada em Libras: algumas considerações**

Acreditamos que a construção dos sentidos do referente surdo nesse gênero humorístico pode ser engatilhada via processo de recategorização; além disso, tal processo assume uma função discursiva presente no discurso humorístico surdo, tendo em vista o seu propósito comunicativo de gerar humor. Também consideramos que esse processo linguístico, neste gênero, cumpre o propósito comunicativo cultural de contribuir para a manutenção das narrativas de surdos como artefato cultural do Povo Surdo, bem como exaltar a hegemonia surda e contribuir para conservação dos aspectos culturais do surdo.

Apesar de já existirem análises sobre os aspectos linguísticos do gênero piada em Língua Portuguesa, como Carmelino (2009), Travaglia (2015), Possenti (1998) e Lima (2003), ainda são necessários estudos acerca das piadas narradas por surdos através da Língua de Sinais, as quais são registradas e divulgadas entre a comunidade surda através de vídeos, diferentemente das piadas investigadas pelos autores, que são escritas e contadas em Língua Portuguesa. Partindo dessa premissa, se faz necessário um embasamento teórico acerca das piadas de surdos em Língua de Sinais. Desse modo, utilizamos como aporte teórico os estudos realizados por Morgado (2011), Silveira (2015), Sutto-Spence (2021) e Dourado (2022), que investigam as piadas de surdo pelo viés linguístico da Libras.

Diante disso, concordamos com os estudos de Silveira (2015), que afirma que as piadas, como narrativas surdas, possuem uma forte relação com as experiências sociais e culturais e que constituem as identidades surdas. Além disso, sabemos que os valores culturais dos falantes de uma língua se fazem presentes nas diversas manifestações da linguagem. Isso não seria diferente na cultura do Povo Surdo em Libras, pois os artefatos culturais visuais se manifestam de diferentes modos, a exemplo da contação de histórias e das piadas sinalizadas em Libras. Nesse cenário, os sujeitos surdos transmitem a sua história e mantêm os seus artefatos culturais através da sua tradição cultural sinalizada na modalidade espaço-visual.

A propósito dessa relação entre humor e cultura, lembramos ainda a definição de Morgado (2011, p. 52), estudiosa portuguesa, que esclarece:

O humor em língua gestual, seja qual for o país, parece apresentar sempre as mesmas características. Este tipo literário das línguas gestuais perde o seu valor e qualidade se for traduzido para a língua oral ou escrita. Para compreender o sentido do conteúdo de um bom humor em língua gestual é necessário ser fluente naquela, caso contrário, dificilmente perceberá as sutilezas linguísticas.

Por isso, elegemos as piadas de surdos sinalizadas em Libras por narradores surdos como nosso objeto de investigação. Deste modo, acreditamos que as piadas de surdos são um artefato cultural importante para ser investigado dentro dos estudos da referenciação; além disso, não encontramos registros de pesquisas sobre o processo de recategorização nesse gênero humorístico. Conforme Travaglia (2015, p. 62), os gêneros humorísticos “são aqueles cuja composição entra o tipo humorístico, sendo este tipo de presença obrigatória e necessária no gênero”. O autor ainda elenca alguns dos gêneros humorísticos mais comuns em nossa cultura:

Os gêneros necessariamente humorísticos: a piada, a piada visual, o esquete, a farsa (peça de teatro), a comédia (peças teatrais e filmes), o auto (exemplo: o Auto da Compadecida-peça e filme), a ópera bufa (a exemplo: O barbeiro de Sevilha), a tira, a charge, a charge animada, a charge-okê (uma paródia musical), o cartum, o pega, o cúmulo, a paródia, o trava-línguas etc. (Travaglia, 2015, p. 62).

Portanto, levando em conta os gêneros necessariamente humorísticos, o humor é o ápice da composição na estruturação e dominância do gênero. Para Travaglia (2015), no texto humorístico (em oposição ao não humorístico), cria-se uma perspectiva de comunicação duvidosa (não confiável), ou seja, há um rompimento do compromisso da comunicação com a serenidade, de ser algo válido em que se pode confiar.

Acerca disso, Travaglia (2015, p. 52) esclarece ainda:

No texto humorístico o recebedor é pego de surpresa, geralmente porque há dois mundos cruzados, superpostos, em interseção e se pensa estar falando de um quando, na verdade, é de outro ou, de algum modo, há um imbricamento dos dois. É a famosa bissociação, que é sempre apresentada como caracterizadora do humor nos estudos a seu respeito. Essa propriedade já acarreta algumas características do humorístico:

- a) Ambiguidade;
- b) Utilização de homônimas para remeter a mais de um mundo;
- c) Mais de um mundo textual possível;
- d) Gatilho de passagem de um mundo a outro.

Em relação aos textos humorísticos, a nossa proposta de investigação destina-se a analisar a construção do humor nas piadas de surdos narradas na Libras. Conforme Travaglia (2015), acreditamos que a piada é talvez o mais conhecido dos gêneros humorísticos, com ampla circulação em diferentes formatos. A piada “tem sempre um gatilho ou elemento que faz a passagem de um mundo para o outro dos dois, geralmente superpostos ou em interseção nos textos humorísticos” (Travaglia, 2015, p. 63). Ou seja, nas piadas o humor é o aspecto mais predominante. Segundo Carmelino (2009), por meio do humor e do riso, é possível dizer e fazer



coisas que, fora desse local de fala, as normas sociais não permitiriam. Além disso, percebemos que outras questões são imbricadas dentro do humor, como a denúncia, crítica a pessoas, instituições, grupos, situações, governo, etc.

Acerca dessa completude do humor, Travaglia (2015, p. 54 e 55), propôs algumas categorias de análise para a sua análise:

- 1) **Humor quanto à composição:** a) descritivo; b) narrativo; c) dissertativo.
- 2) **Objetivo do Humor:** crítica social ou a caracteres; b) denúncia; c) liberação; d) riso pelo riso.
- 3) **Humor quanto ao grau de polidez:** a) humor de salão; b) humor sujo ou pesado; c) humor médio.
- 4) **Humor quanto ao assunto:** a) negro; b) sexual; erótico, pornográfico; c) social; d) étnico.
- 5) **Humor quanto ao código:** a) verbal ou linguístico; b) não verbal.
- 6) **Scripts que levam ao humor:** a) estupidez, burrice; b) esperteza, astúcia; c) ridículo; d) absurdo; e) mesquinhez.
- 7) **Mecanismos (recursos para criar humor):** a) cumplicidade; b) ironia; c) mistura de lugares sociais ou posição de sujeito; d) ambiguidade; e) uso de estereótipo; f) contradição; g) sugestão; h) descontinuidade de tópico ou quebra de tópico; i) paródia; j) jogo de palavras; k) trava-línguas; l) exagero; m) desrespeito a regras conversacionais; n) observações metalinguísticas; o) violação de normas sociais.

Diante dessas discussões teóricas acerca do texto humorístico, assumimos nesta proposta de investigação uma perspectiva cognitivo-discursiva da referenciação conforme defendido em Lima (2009), razão pela qual a proposta de investigação tem o eixo teórico configurado a partir dos estudos da Linguística de Texto na interface teórica dos estudos na Língua Brasileira de Sinais, dando ênfase à abordagem dos casos de recategorização como processos linguístico-cognitivos envolvidos na construção dos sentidos do texto.

### 3 Metodologia

Adotamos nesta investigação uma abordagem de natureza qualitativa com análise descritiva dos dados. O *corpus* foi constituído por 1 (um) vídeo de piada de surdo sinalizado em Libras por um sinalizador surdo. Essa quantidade justifica-se pela duração do vídeo e pelo espaço destino à análise, de modo que um vídeo parece ser significativo para o tipo de análise ora eleito, pois não se trata de uma análise quantitativa. A coleta e seleção do vídeo da piada em Libras foi realizada digitalmente, utilizando a plataforma de compartilhamento público de vídeos *YouTube*.

Utilizamos nas análises dos dados quatro critérios:

- I. Apresentar uma transcrição escrita da piada sinalizada em Libras para Língua Portuguesa. A proposta da transcrição do texto sinalizado para o Português destina-se apenas a ampliar as possibilidades de compreensão da investigação, já que nosso

- objetivo não é o estudo da tradução e transcrição do texto da Libras para o Português e vice-versa, mas sim o texto sinalizado e construído ao longo da narrativa da piada.
- II. Caracterizar e descrever os *frames* cognitivos que estrutura a piada de surdo, considerando o referente “surdo” presente na piada sinalizada. Por exemplo, os *frames* cognitivos encontrados:
- A PESSOA SURDA NA SOCIEDADE OUVINTE.
  - A PESSOA SURDA E A PESSOA OUVINTE.
  - O MUNDO DOS SURDOS.
- III. Identificar o referente “surdo” na piada em Libras. Descrever como o referente é introduzido e (re)construído nos vídeos das piadas, ou seja, se a construção do referente “surdo” se dá por meio de uma introdução referencial explícita ou implícita, ou por meio de uma introdução referencial recategorizada explícita ou implícita (quando o referente é apresentado no texto por meio de uma expressão recategorizadora). E identificar como essas ocorrências contribuem para a construção de sentidos do texto humorístico surdo.
- IV. Evidenciar os casos de recategorização do referente “surdo”, descrevendo se o sinalizador surdo utiliza elementos cognitivos-discursivos da recategorização como atributo para construção do humor surdo e a manutenção do artefato cultural do Povo Surdo.

## 4 O referente surdo e a construção do humor nas piadas sinalizadas: análise dos casos de recategorização no texto sinalizado

Como já mencionado, nosso objetivo na realização deste estudo é investigar os casos de recategorização e seus efeitos na construção de sentidos do referente surdo capaz de motivar o humor nas piadas de surdo sinalizadas em Libras. Partindo desse princípio investigativo, compreenderemos como ocorre a retomada discursiva do referente surdo no gênero textual piada com foco na piada sinalizada em Libras por narrador surdo. Desse modo, faz-se necessário, mobilizando conhecimentos que estão para além da apreensão do texto apenas pela dimensão textual-discursiva, nossa proposta visa ampliar as dimensões do texto a partir de um viés cognitivo-discursivo.

O vídeo analisado foi coletado do Canal TV CES. É sinalizado por uma pessoa surda (sinalizador homem adulto) e está disponível no YouTube, com mais 42 mil visualizações, tendo 1 minuto e 34 segundos de duração. Inicialmente, apresentamos o texto da piada traduzida para Língua Portuguesa; em seguida, partimos para análise do texto sinalizado conforme as imagens do sinalizador surdo no vídeo. Vejamos:

### Quadro 1. Piada *O encontro*

Dois amigos surdos foram até o aeroporto de São Paulo e enquanto procuravam vaga de estacionamento, um deles disse:

- Vai lá encontrar o rapaz surdo.
- Mas eu não o conheço!
- Mesmo assim, tenta encontrá-lo.
- Tá ok.

Então, desceu do carro e foi caminhando até a área de desembarque.

Chegando lá, percebeu que havia muitas pessoas no local.

- Como saberei quem é o rapaz surdo? Ele é surdo!

Então, teve uma ideia genial (estratégia) e gritou bem alto.

- Aaaaahhhhhhh!!!!!!!

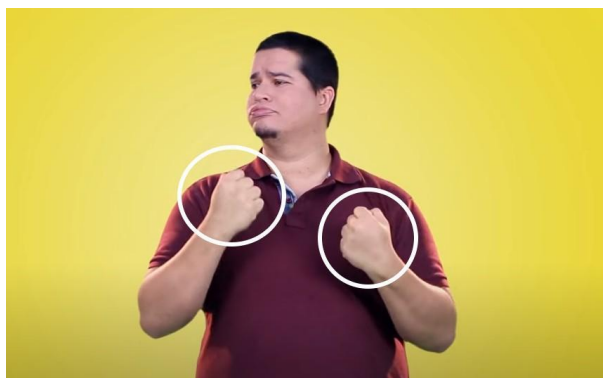
Todos olharam pra ele, menos um rapaz.

- Então, ah sim, encontrei!

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>.

Análise do texto sinalizado:

Figura 1. Sinal: *MOTORISTA*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Figura 2. Sinal: *AEROPORTO*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

**Figura 3.** Sinal: *SURDO/NÚMERO-DOIS*

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Levantamos um ponto importante antes de adentrarmos as análises das ocorrências pertencentes aos casos de recategorização. Destacamos o título da piada (*O encontro*), que faz alusão a um compromisso prestes acontecer. Aceito esse argumento, o leitor ativa o conhecimento prévio sobre os fatores que caracterizam um encontro (uma situação, um local, o horário, as pessoas e o objetivo do encontro). Contudo, a construção de sentidos sobre a situação de um encontro somente será construída e compreendida, neste caso, no decorrer dos propósitos comunicativos da história/piada.

Logo no início do vídeo, observa-se, segundo a sinalização do narrador, que se trata de uma história que vai ocorrer em um local com bastante movimento. Os referentes da história estão dirigindo um carro a caminho de um local. Na Figura 1, o sinal de “CARRO” é realizado pelas duas mãos fechadas do sinalizador através da configuração de mãos realizada pelas mãos na letra “S” com movimento alternado. Em seguida, temos a Figura 2, que indica que estão a caminho do aeroporto: sinal “AEROPORTO” é realizado através da configuração de mãos com a letra “Y” no espaço neutro de sinalização. A partir disso, o leitor infere que estão a caminho (do encontro), indo buscar alguém.

Na sequência da piada, o referente é introduzido e recategorizado como “surdo”, conforme a Figura 3. Essa introdução recategorizadora se dá através da ocorrência explícita, na sinalização, do sinal “SURDO”, realizado na mão direita através da configuração de mão nº 49, segundo a tabela de Ferreira-Brito e Langevin (1995), realizada no rosto do sinalizado e dizendo respeito ao sinal de “SURDO” e ao sinal de “NÚMERO-DOIS”, que indica um número quantitativo em Libras, sendo realizado com a mão esquerda dentro do espaço neutro de sinalização na frente do sinalizador. Desse modo, observa-se segundo a sinalização do narrador que se trata de dois surdos dentro de um carro, que estão dirigindo a caminho de um local, no caso, o aeroporto.

Seguindo essa linha de raciocínio, é perceptível que o referente “surdo” já é introduzido na narrativa recategorizado como um sujeito com surdez e falante da Libras. Temos, então, a posição discursiva de dois objetos do discurso, no caso, dois surdos, o que permite a ativação

do modelo cognitivo cultural de pessoas com deficiência no Brasil. A partir disso, é possível que o leitor ative o *frame* cognitivo A PESSOA SURDA NA SOCIEDADE OUVINTE, que pressupõe uma sequência de construções cognitivas: i) ser surdo é ser deficiente; ii) os surdos vivem situações difíceis na sociedade; iii) a sociedade não inclui as pessoas com deficiência; iv) os surdos não têm acessibilidade na sociedade ouvinte.

**Figura 4.** Sinal: Verbo *IR*/ Sinal: *MOTORISTA*



**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

**Figura 5.** Sinal: Verbo *ENCONTRAR*



**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

O referente “surdo motorista”, conforme explícito na Figura 4, é realizado pelo sinalizador através da mão direita fechada com a configuração de mão na letra “S” significando “MOTORISTA”, enquanto apontamento do dedo indicador na mão esquerda indica o verbo em Libras “IR”. Ou seja, aquele que está dirigindo o carro, o referente “surdo motorista”, pede ao seu amigo surdo que entre no aeroporto para encontrar o passageiro/rapaz que está prestes a chegar. Isso é confirmado na Figura 5 através da sinalização do verbo “ENCONTRAR” em Libras, que é realizado pelo parâmetro da configuração das mãos na letra “D” através do movimento retilíneo realizado na mão do sinalizador.

**Figura 6.** Sinal: *CONHECER-NÃO*

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Porém, na sequência da piada, o referente “surdo” responde assustado que não o conhece, de modo que seria incapaz de conseguir encontrá-lo, conforme a Figura 6: o sinal de “CONHECER-NÃO” feito pela configuração de mão “NÚMERO 4” realizada no queixo do sinalizador através do movimento retilíneo e com expressão facial de negação. Nesse momento, temos a construção de sentidos do referente “surdo” como um sujeito incapaz de encontrar essa pessoa no aeroporto. Essa construção de sentidos é possível devido às marcas de expressão facial realizadas pelo referente “surdo” na imagem (Figura 6) e é reforçada pela sinalização em Libras de “CONHECER-NÃO”, sendo acrescida de gestos naturais da língua por meio de expressões na face.

Nesse momento, o leitor ativa o *frame* cognitivo O MUNDO DOS SURDOS, envolvendo as seguintes construções cognitivas: i) o mundo dos surdos é mais difícil; ii) os surdos têm dificuldade em conviver no mundo dos ouvintes; iii) os surdos precisam de mais acessibilidade nos aeroportos. Assim, uma vez que o referente “surdo” é introduzido como uma pessoa que não sabe como resolver a situação por falar uma língua diferente da maioria, intuitivamente ativamos o *frame* cognitivo mencionado.

Vale mencionar, ainda, que o referente “surdo” é introduzido e recategorizado como “surdo incapaz”, mas essa construção não está explícita na sinalização do vídeo da piada, ou seja, a expressão recategorizadora não é homologada na superfície textual da sinalização em Libras, porém é compreendida/inferida e (re)construída a partir do modelo cognitivo cultural de surdo como pessoa deficiente, que comumente licencia expressões usadas na caracterização do referente surdo na sociedade majoritariamente ouvinte. Notadamente, a ocorrência de recategorização desse tipo só pode ser descrita a partir de uma dimensão cognitivo-discursiva. Diante disso, o sinal de Libras “CONHECER-NÃO” confirma através da língua toda análise apreendida anteriormente acerca do referente “surdo” recategorizado inicialmente como “incapaz” de encontrar o homem/rapaz no aeroporto.

Seguimos na sequência a análise:



**Figura 7.** Sinal: *EXPERIÊNCIA* e *MOTORISTA*



**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

**Figura 8.** Sinal: *IDEIA/PLANO*



**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Na sequência, conforme ilustrado na Figura 7, o referente surdo “motorista”, representado pelo sinal de Libras “MOTORISTA”, realizado com a mão esquerda em formato fechado, utilizando a configuração da mão na letra “S”, instrui seu colega surdo a utilizar toda sua experiência (conhecimento, habilidade e agilidade) para localizar o rapaz dentro do aeroporto. Essa construção de significados é compreendida através dos sinais de Libras “EXPERIÊNCIA” e “TENTAR”, apresentados pelo narrador surdo na Figura 6. O sinal “EXPERIÊNCIA” é feito com a mão direita em configuração de mão (nº 08), segundo a tabela de Ferreira-Brito e Langevin (1995), acompanhado de um movimento circular no ponto de articulação na bochecha.

Já na Figura 8, temos um exemplo diferente do início da piada, em que o referente “surdo” é recategorizado e (re)construído no texto sinalizado como “ESPERTO” e “INTELIGENTE”. No entanto, essa (re)construção não é explicitada textualmente, ou seja, não é formalizada na dimensão do texto sinalizado em Libras, sendo inferida a partir de pistas sinalizadas pelo sinal “IDEIA”. Além disso, essa recategorização do referente “surdo” como “ESPERTO” e “INTELIGENTE” é evocada e aceita dentro da bagagem cultural presente na

comunidade surda, em que os surdos são vistos como muito espertos, inteligentes e capazes de resolver situações de maneira mais ágil que os ouvintes. Esse modelo cultural de pensamento é amplamente aceito e propagado no contexto de narrativas e piadas da comunidade surda.

No recorte da imagem (Figura 8), a construção do referente “surdo” não se explicita apenas no campo da sinalização textual. Ela pode ser inferida a partir de pistas textuais e sinalizadas que evocam o entendimento do surdo como um sujeito “ESPERTO”, como evidenciado pela expressão facial do narrador no vídeo e pelo manuseio das mãos. Vale ressaltar que, no contexto da cultura surda e nas piadas em Libras, o sujeito surdo é frequentemente retratado como dotado de grande inteligência em comparação aos ouvintes. Neste caso específico, o referente “surdo” destaca-se por sua habilidade em utilizar um elemento da cultura ouvinte para atingir seu objetivo. Ao usar o som do grito (um aspecto característico da cultura ouvinte) como uma armadilha para localizar o rapaz surdo, ele demonstra muita habilidade e esperteza dentro de um ambiente predominantemente ouvinte, como o aeroporto.

Compreende-se, portanto, que, embora o referente da piada seja surdo, ele foi capaz, através de sua inteligência, de resolver a situação e localizar uma pessoa em um aeroporto lotado de passageiros desconhecidos e sem acessibilidade em Libras. A comicidade da piada se configura na transição do *script* “SURDO É DEFICIENTE E PRECISA DE AJUDA” para o *script* cultural do Povo Surdo, “A SURDEZ É UMA CONDIÇÃO, NÃO UMA LIMITAÇÃO”. É nesse ponto da narrativa que o humor se concretiza, quando o referente “surdo” realiza uma ação inesperada, utilizando a cultura ouvinte (som) para alcançar seu objetivo. O efeito cômico surge da quebra de expectativa, em que a ação imprevista se revela como uma estratégia bem planejada.

É nesse contexto que compreendemos o humor surdo para o Povo Surdo, através da quebra de expectativa resultante de uma ação inesperada. Acerca disso, Silveira (2015, p. 410) afirma que, assim como “o domínio da Língua Portuguesa (e outras línguas) é importante para entender certas piadas dos ouvintes (escritas ou faladas), a experiência de ser surdo e um conhecimento profundo de Libras são essenciais para entender e rir das piadas surdas”. Segundo a autora, embora existam semelhanças entre as piadas dos ouvintes e dos surdos, há também diferenças marcantes, ligadas aos aspectos culturais dos surdos. Por exemplo, a “superioridade surda” é um traço destacado no humor surdo, o silêncio é frequentemente visto como algo positivo, e a grande capacidade de atenção e percepção visual, devido à precisão com que os surdos observam os movimentos, é frequentemente tema de piadas. Além disso, as vantagens de ser surdo são uma temática recorrente nas piadas em Libras.

Desse modo, a construção de sentidos presente na passagem do vídeo da piada, por meio dos frames cognitivos, do *script* e dos casos de recategorização, contribui tanto para evocar o humor no texto sinalizado da piada surda quanto para a preservação do artefato cultural de contação de histórias característico do Povo Surdo.

Na sequência, vejamos as últimas imagens do vídeo:

**Figura 9.** Sinal: *GRITAR ALTO/FORTE*



**Figura 10.** Sinal: *ATENÇÃO*



**Figura 11.** Sinal: *VER/ATENÇÃO*



**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjyIGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Na Figura 9, o referente “surdo” aparece na piada com a ideia de gritar muito alto. Essa informação é compreendida a partir da execução do sinal de Libras “GRITAR ALTO”, mostrado na imagem, que pode ser traduzido como “GRITO FORTE” ou “GRITO MUITO ALTO”, devido ao intensificador presente na expressão facial do narrador do vídeo. Na sequência, na próxima imagem (Figura 10), vemos o resultado da ação realizada pelo referente “surdo” ao gritar intensamente.

Na Figura 10, o sinal de Libras “ATENÇÃO” pode ser traduzido, no contexto da comunicação, como “todos olharam para o surdo que gritou, todos voltaram sua atenção para ele”. Essa construção de sentido é possível tanto pela execução do sinal de Libras “ATENÇÃO” presente na imagem (Figura 10) quanto pelo contexto da história narrada ao leitor, reforçado pela expressão facial do narrador ao realizar o sinal.

Não obstante, é importante enfatizar que a (re)construção desses elementos só é possível através da compreensão do fenômeno da recategorização no nível das estruturas cognitivas, como no caso da recategorização do referente “surdo” como “surdo inteligente” e “surdo esperto” após o êxito em localizar o rapaz no aeroporto. Essa construção de sentido é confirmada ao longo do vídeo da piada e também na Figura 11, em que o referente “surdo” é realizado por dois sinais. O primeiro é o sinal de “VER”, realizado com a mão direita do narrador em direção contrária ao sinalizador, indicando que apenas uma pessoa não olhou para o referente “surdo”. O segundo é o sinal de “ATENÇÃO”, feito com a mão esquerda aberta, com a palma voltada para baixo e sem movimento, confirmando que o restante das pessoas na sala de desembarque direcionou sua atenção ao referente “surdo”.

**Figura 12.** Sinal: *VOCÊ***Figura 13.** Sinal: *SURDO*

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=eDHKhLjylGw>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Nas últimas cenas da piada, destacamos duas imagens (Figura 12 e Figura 13) que confirmam a recategorização implícita do referente “surdo” como “ESPERTO” e “INTELIGENTE”. Conforme as imagens, o encerramento da piada é construído com comicidade quando o referente “surdo” localiza o rapaz/passageiro por meio da ideia/ação realizada anteriormente. Na Figura 12, o sinal de Libras “VOCÊ”, realizado com o dedo indicador apontado para frente, refere-se à outra pessoa do discurso/objeto. Observa-se também nesta mesma imagem a expressão facial do sinalizador, que demonstra contentamento por ter encontrado a pessoa que procurava.

Por fim, na Figura 13, a realização do sinal “SURDO” logo após o sinal “VOCÊ” (Figura 12) pode ser traduzida e compreendida na história como “Ah, você é o surdo! Encontrei!”. Assim, o rapaz que ele foi encarregado de encontrar no aeroporto, a pedido do seu amigo surdo motorista, é identificado.

Em suma, ressaltamos que a concepção do fenômeno da recategorização se configura mais como um processo cognitivo do que discursivo neste estudo, pois apenas o viés discursivo não abrange todas as dimensões do fenômeno. Por isso, nesta investigação, adotamos uma concepção mais ampla desse mecanismo linguístico, que também contribui para a construção do humor na piada sinalizada (texto sinalizado) em Libras pelo narrador surdo. É importante destacar que essa concepção amplia as possibilidades de compreensão e descrição dos mecanismos linguísticos textuais presentes no texto sinalizado na Língua Brasileira de Sinais. Conforme exposto na análise, esse mecanismo é conjecturado como um gatilho para a construção da comicidade nas piadas de surdos, sendo uma característica marcante na contação de histórias e piadas que fazem parte do artefato cultural do Povo Surdo.

## Algumas considerações

Compreendendo a recategorização numa dimensão cognitivo-discursiva, como defendido por Lima (2009), o fenômeno também contribui para o humor presente na piada surda sinalizada em Libras. Além disso, a materialidade do fenômeno linguístico-cognitivo da recategorização não se manifesta apenas de forma explícita, conforme a perspectiva textual-discursiva defendida pelos pioneiros Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

Na literatura contemporânea, é fato que o texto e o humor são estudados sob diversas teorias, mas a aplicação desses estudos a textos sinalizados ainda é incipiente. É importante destacar que a maioria das pesquisas focadas na referenciação e nos processos referenciais na construção de sentidos se concentra nos textos orais e escritos em Língua Portuguesa, deixando uma lacuna na descrição do fenômeno linguístico-cognitivo da recategorização como elemento discursivo de retomada e/ou (re)construção nos textos sinalizados na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

As análises realizadas mostraram, de modo geral, que a recategorização contribui para a construção discursiva humorística do texto em Libras e, conseqüentemente, para a preservação das narrativas surdas como artefato cultural do Povo Surdo. Além disso, acreditamos que a presente investigação estimula a ampliação de pesquisas voltadas para o texto sinalizado e produções textuais-visuais realizadas por surdos no campo da Língua Brasileira de Sinais.

Essa análise, provisoriamente, nos indica uma lacuna nas pesquisas linguísticas voltadas para a investigação das produções visuais publicadas por surdos no meio digital. Há uma necessidade de ampliar as investigações linguísticas sobre as produções culturais visuais divulgadas na mídia digital por surdos, pois esse tipo de produção tem ganhado força de maneira dinâmica, através dos recursos tecnológicos e das plataformas de compartilhamento de vídeos e redes sociais. Portanto, justificamos a importância de investigar o texto sinalizado no ambiente virtual para reconhecer todas as possibilidades que contribuem para a construção de sentidos do texto sinalizado em Libras.

## Referências

APOTHÉLOZ D. ; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER e REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objects-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-71.

BARBOSA, T. B. *Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 24 abr. 2002.



CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos visto sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

CARMELINO, A. C. As dicas-piadas do Casseta e Planeta: denúncias e liberação. In: LINS, M. P.; CARMELINO, A. C. (orgs). *A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. Vitória: UFES, Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos, 2009. p. 21-35.

DOURADO, M. K. S. *Vozes surdas: um estudo de memes sobre a e pela comunidade surda*. 2022. 114f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

FERREIRA-BRITO; L. LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. In: FERREIRA- BRITO, L. *Por uma gramática de língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I. G. V. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 41, p. 75-89, 2001.

LADD, P. *Em busca da surdidade 1: Colonização dos Surdos*. Lisboa: Surd'Universo, 2013.

LIMA, S. M. C. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

LIMA, S. M. C. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, S. M. C.; FELTES, H. P. M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (org.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

LEAL, C. L. *Estratégias de referenciação na produção escrita de alunos surdos*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANETE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: processos de retextualização*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1998.

MORGADO, M. *Literatura das línguas gestuais*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011

MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição: As reflexões de L.S. Vigotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.

POSSENTI, S. *Os Humores da Língua*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

RUTHERFORD, S. D. Funny in Deaf – Not in Hearing. *Journal of American Folklore*, v. 96, n. 381, 1983, p. 310-322.



QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção de sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas, Revista de linguísticos*, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SILVA, M. P. M. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

SILVEIRA, C. H. *Literatura surda: Análise da circulação de piadas clássicas em língua de sinais*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

SUTTON-SPENCE, R. *Literatura em Libras*. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. Texto Humorístico: o tipo e seus gêneros. In: CARMELINO, A. C. *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015.